



Recordando a

**Walter Benjamin**

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL  
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI  
Buenos Aires - Argentina

## “Cuando hicimos historia”: testemunhos e história sobre a Unidade Popular

Carolina Amaral de Aguiar<sup>1</sup>

### Resumen:

“O dom de despertar no passado as centelhas da esperança é privilégio do historiador convencido de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer”. Esta constatação de Walter Benjamin, bem como a imagem do Angelus Novus que se afasta impelido dos destroços do passado, trazem para o debate historiográfico as questões da atuação política e de suas possíveis derrotas. A imagem do anjo que dá as costas ao futuro, desejando acordar os mortos, adéqua-se a maior parte dos estudos sobre o governo da Unidade Popular no Chile. As reflexões sobre a “revolução interrompida” foram marcadas pelo caráter testemunhal de atores das lutas sociais da época e por um discurso explicativo da “derrota” de 1973. Destacam-se as obras de Carlos Altamirano, secretário do Partido Socialista, e de Luis Corvalán, secretário do Partido Comunista, que se relacionam diretamente ao campo da memória (tendência latino-americana identificada por Beatriz Sarlo). Novas abordagens, porém, valorizam as transformações do governo UP que permaneceram. Entre elas, destaca-se o livro organizado por Julio Pinto, cujo título remete à tradição testemunhal: “Cuando hicimos historia”.

---

<sup>1</sup> Programa de Pós-Graduação em História Social – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo)



## “Quando hicimos historia”: testemunhos e história sobre a Unidade Popular

Pouco antes de publicar *A Era dos extremos*, no início dos anos 1990, Eric Hobsbawm refletiu sobre o fato de ter vivido grande parte dos acontecimentos, direta ou indiretamente, sobre os quais escrevia. No artigo intitulado “O presente como história”<sup>2</sup>, constatando que sua vida coincide com o período sobre o qual se debruça, o autor identifica na pesquisa sobre “nosso próprio tempo” uma simultaneidade entre a experiência individual e a experiência coletiva, localizada especialmente nas abordagens de historiadores mais velhos. Sem privilegiar o trabalho de uma geração em relação a outra, ele afirma, no entanto, que um jovem historiador necessita, para se aproximar de seu objeto, “esforço da imaginação, uma disposição em suspender crenças baseadas em sua experiência própria de vida, e um considerável trabalho de pesquisa”<sup>3</sup>.

Correlata à experiência, central nessa argumentação de Hobsbawm, está o efeito da passagem do tempo sobre a perspectiva do historiador. Além da questão geracional, certos processos históricos alteram estruturas estabelecidas, modificando a maneira de olhar para determinados acontecimentos. Nesse sentido, na história mais recente, é emblemático o período após 1889-1991: com a queda do muro de Berlim e a dissolução da União Soviética, o socialismo passou a ser visto, hegemonicamente, como um projeto fracassado. Dessa maneira, Hobsbawm conclui seu artigo com uma espécie de desabafo proferido por um velho historiador que já viveu por quase um século e testemunhou realidades distintas: “[...] à medida que o século termina, o mundo está mais cheio de pensadores derrotados preocupados com uma variedade muito ampla de insígnias ideológicas que de pensadores triunfantes – principalmente entre aqueles com idade suficiente para terem longas memórias”<sup>4</sup>.

No caso dos estudos sobre a Unidade Popular, aliança de partidos de esquerda que governou o Chile no início dos anos 1970, grande parte das análises políticas posteriores ao período foram realizadas por pessoas que participaram diretamente das decisões tomadas pelo governo de Salvador Allende, como este artigo busca analisar.

---

<sup>2</sup> HOBSBAWM, Eric. “O presente como história”. In: HOBSBAWM, Eric. *Sobre história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. (Trad. Cid Knipel Moreira). pp. 243-255.

<sup>3</sup> HOBSBAWM, Eric. “O presente como história”. In: HOBSBAWM, Eric. *Sobre história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. (Trad. Cid Knipel Moreira). p. 247.

<sup>4</sup> HOBSBAWM, Eric. “O presente como história”. In: HOBSBAWM, Eric. *Sobre história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. (Trad. Cid Knipel Moreira). p. 255.



Recordando a

## Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL  
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI  
Buenos Aires - Argentina

Isso faz com que muitos livros sobre o assunto, especialmente aqueles situados politicamente à esquerda, integrem experiências individuais e coletivas, já que seus autores são testemunhas e protagonistas dos fatos históricos. Além disso, a passagem do tempo, ou o desfecho dos acontecimentos, influi nas abordagens: com o golpe de 1973 e a ditadura com ele instaurada, esses autores-protagonistas se tornaram também “pensadores derrotados”.

Muitas das reflexões sobre a UP condizem com o papel atribuído por Walter Benjamin à experiência e sua relação com o conhecimento histórico. A imagem do “anjo da história”, inspirada na obra de Klee, que deseja a volta ao passado em ruínas ao mesmo tempo em que é levado pelo “progresso” ao futuro, poderia ser a de um “pensador derrotado” que reconhece que a catástrofe de outrora continuará ao fundo da trajetória das próximas gerações. Esse saber experimentado concede ao estudo historiográfico uma função redentora que interliga temporalidades distintas, como Benjamin coloca em “Sobre o conceito da história”<sup>5</sup>, da mesma forma que a narrativa exerce o papel de intercambiar experiências entre as gerações:

*Pois não somos tocados por um sopro de ar que foi respirado antes? Não existem, nas vozes que escutamos, ecos de vozes que emudeceram? Não têm mulheres que cortejamos irmãs que elas não chegaram a conhecer? Se assim é, existe um encontro secreto, marcado entre as gerações precedentes e a nossa. Alguém na terra está à nossa espera.<sup>6</sup>*

Concedendo ao conhecimento do passado uma função messiânica e ao estudo positivista responsabilidade pela emergência do fascismo, Benjamin encara a memória trazida pela história como um espaço de luta política. Para ele, os dominantes são herdeiros diretos das gerações que “venceram antes” e o historiador deve levar em conta essa herança: “O dom de despertar no passado as centelhas da esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer.”<sup>7</sup> A importância em retomar as experiências passadas aumenta à medida que esse ato pode

<sup>5</sup> BENJAMIN, Walter. “Sobre o conceito de história”. In: BENJAMIN, Walter. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Trad. Sergio Paulo Rouanet).. 222-232.

<sup>6</sup> BENJAMIN, Walter. “Sobre o conceito de história”. In: BENJAMIN, Walter. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Trad. Sergio Paulo Rouanet). pp. 223.

<sup>7</sup> BENJAMIN, Walter. “Sobre o conceito de história”. In: BENJAMIN, Walter. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Trad. Sergio Paulo Rouanet). pp. 225.



Recordando a

**Walter Benjamin**

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL  
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI  
Buenos Aires - Argentina

restaurar um tempo histórico no qual as utopias ainda não estão derrotadas e, com isso, fortalecê-las no presente.

Nas teses de Benjamin aparecem, dessa forma, duas preocupações inerentes ao ofício do historiador, principalmente ao estudioso do tempo presente: a questão da subjetividade e a da memória. Esses conceitos envolvem também os estudos sobre a Unidade Popular, já que seus autores, enquanto protagonistas, fazem o esforço de não esquecer o que se passou. Rememorar, portanto, é uma maneira de denunciar o inimigo que está no poder e o meio utilizado por ele para estar nessa situação: o uso da violência. Em sentido inverso, lembrar pode ser também realizar uma auto-reflexão, ou seja, identificar os erros internos que impediram a continuidade do governo Allende, como ocorre em algumas das obras analisadas neste artigo. Dessa forma, a historiografia sobre o período recorre constantemente ao campo da memória, reafirmando a presença dos autores na cena dos fatos para reforçar constatações políticas, econômicas e sociais das análises reflexivas.

O esforço da rememoração e de sua narrativa, realizado por atores políticos ligados à Unidade Popular, provém do reconhecimento da memória como uma zona de conflitos, quando relacionada ao conhecimento histórico. Em muitos estudos<sup>8</sup> sobre a relação entre memória e história aparece a ideia de que o que se lembra e o que se esquece envolvem ideologias, grupos e classes sociais distintos. Nesse caso, para compreender os debates em torno do governo Allende e de seu trágico desfecho (do ponto de vista das esquerdas e da defesa da democracia), é necessário também verificar o lugar do qual falam seus autores, com quem eles dialogam e que posições políticas

---

<sup>8</sup> Vale destacar alguns estudos que identificaram a memória como uma zona de conflitos entre sujeitos e grupos sociais. Um dos artigos que marcou essa discussão foi “A história cativa da memória?” (MENESES, 1992), de Ulpiano Bezerra de Meneses. Publicado em 1992 com base na observação da crescente importância atribuída ao campo da memória, nele o autor diferencia-a da história por não ser um conhecimento intelectual, submetido a métodos e preceitos acadêmicos. No entanto, como “construção social”, ela desempenha sobretudo um papel formador de identidades individuais, coletivas e nacionais. Nesse sentido, a memória está frequentemente submetida a “ocultações, dissimulações e inversões”, que representam determinados interesses em detrimento de outros. Jacques Le Goff, no livro *História e memória*, também ressalta o crescimento das discussões em torno da memória coletiva durante a segunda metade do século XX, inserindo-a no centro das oposições desenvolvimento e subdesenvolvimento; dominantes e dominados. Com isso, o autor atribui à ela a importância de ser um instrumento e um objeto de poder, podendo inclusive ser elevada à categoria de monumento. Dessa forma, ele defende que: “A memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens.” (LE GOFF, 2003. p. 471.)



eles representam – tanto no momento da ocorrência dos fatos como no da constituição do relato.

Esse exercício é necessário, pois, como campo de batalha, a memória se relaciona intrinsecamente à experiência. Para Walter Benjamin ela é a musa da narrativa, que é a maneira pela qual as gerações podem aprender com seus antepassados. Dessa forma, contar o que se viveu contribui para a perpetuação de uma sabedoria, passada aos mais jovens por meio do relato. No entanto, o autor, no artigo “O narrador”<sup>9</sup>, identifica em seu tempo uma desvalorização da experiência, fruto da desmoralização dessa esfera causada pelos horrores da Primeira Guerra Mundial. Para Benjamin, às condições radicais as quais o corpo humano foi exposto teriam silenciado o conhecimento transmitido de pessoa a pessoa. Portanto, também a memória e sua dimensão para a história estariam prejudicadas.

Analisando as constatações de Benjamin, Beatriz Sarlo percebe inversões nesse processo ao abordar as ditaduras latino-americanas das últimas décadas do século XX. De acordo com a autora, o “emudecimento” causado pelo choque da Primeira Guerra, presente na perspectiva melancólica do autor alemão, não corresponde ao que ela chama de “guinada subjetiva” ocorrida nas décadas de 1970 e 1980, quando a valorização do testemunho<sup>10</sup> como ponto de vista e a reconstituição da vida passaram a reivindicar espaço nos meios acadêmicos. Sarlo reconhece que nesse período surgiram condições ideológicas favoráveis à emergência da memória e da subjetividade no discurso histórico, devido à necessidade de se reparar “identidades machucadas”. Sua análise colabora para a compreensão dos estudos da Unidade Popular pelo fato deles serem reflexões feitas por autores-protagonistas que recorrem constantemente ao discurso em primeira pessoa.

---

<sup>9</sup> BENJAMIN, Walter. “O narrador”. In: BENJAMIN, Walter. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Trad. Sergio Paulo Rouanet). pp. 197-221.

<sup>10</sup> A questão do testemunho e suas implicações para o estudo da história são abordadas por Paul Ricœur no livro *A memória, a história e o esquecimento*. Seu uso no trabalho do historiador coloca uma pergunta crucial: até que ponto ele é confiável? O autor identifica, entre outros aspectos, que é a própria pessoa que testemunha quem reivindica para si um grau de confiabilidade ao afirmar “eu estava lá”. Dessa maneira, o indício de que se trata de uma verdade vem do fato de que quem relata presenciou os acontecimentos tratados, portanto, para que sua credibilidade não seja questionada, o depoente (ou o narrador) deve sempre reafirmar sua palavra.



Recordando a

**Walter Benjamin**

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL  
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI  
Buenos Aires - Argentina

De forma semelhante ao que ocorreu no final da Segunda Guerra Mundial – quando a revelação dos campos de concentração nazistas trouxe à tona também os testemunhos dos seus sobreviventes, tendo em vista a ausência de demais indícios materiais ou textuais apagados pelos “inimigos” –, as ditaduras latino-americanas foram enfrentadas e julgadas com base em depoimentos de suas vítimas. Para Sarlo, a supervalorização da experiência desempenhou um importante papel nos julgamentos jurídicos e na reparação de danos causados pelos regimes totalitários autoritários. No entanto, a autora se preocupa com o fato dessa tendência testemunhal ter sido incorporada pelas esferas acadêmicas:

*Muito do que foi escrito sobre as décadas de 1960 e 1970 na Argentina (e também em outros países da América Latina), em especial as reconstituições baseadas em fontes testemunhais, pertence a esse estilo. São versões que se sustentam na esfera pública porque parecem responder plenamente às perguntas sobre o passado. Garantem um sentido, e por isso podem oferecer consolo ou sustentar a ação. Seus princípios simples reduplicam modos de percepção do social e não apresentam contradições com o senso comum de seus leitores, mas o sustentam e se sustentam nele. Ao contrário da boa história acadêmica, não oferecem um sistema de hipóteses, mas certezas.<sup>11</sup>*

Nesse sentido, o livro *Tempo passado* (cujo título no singular referencia a tendência à homogeneização do discurso), de Beatriz Sarlo, contraria a experiência enquanto aspecto redentor da história; indica, assim, um risco de que sua forte presença no trabalho do historiador elabore versões homogeneizadas que desconsiderem as contradições que enriquecem os debates historiográficos. Destacando problemas que a primeira pessoa pode trazer ao estudo da história, a autora critica o tom de “verdade” desses testemunhos, que, ao invés de reavivar as utopias, podem gerar modelos explicativos fechados e de pouca complexidade. Assim, essa “guinada subjetiva” aparece, segundo Sarlo, acompanhada por limites em direções distintas: “(...) o potencial em primeira pessoa para reconstituir a experiência e as dúvidas que o recurso à primeira pessoa gera quando se coloca no ponto onde parece mover-se com mais

---

<sup>11</sup> SARLO, Beatriz. *Tempo passado. Cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007. (Trad. Rosa Freire d’Aguir). p. 14-15.



naturalidade: o da verdade dessa experiência.”<sup>12</sup>. E, como a autora conclui, a própria ideia de verdade já é um problema.

Todas essas implicações da subjetividade e da memória, expostas por Sarlo, vão ao encontro da preocupação de Hobsbawm e do seu questionamento sobre como se deve fazer a história do tempo presente. Que implicações existem em um pesquisador escrever sobre algo que viveu? E no caso do analista ser também um sujeito histórico atuante no período sobre o qual pesquisa, será possível – ou ainda desejável – manter certa “neutralidade” na descrição do ocorrido? Nesse caso, um sujeito que influenciou o desenrolar dos processos históricos, consegue perceber sutilezas e contradições visíveis a um historiador mais jovem ou ausente do cenário dos fatos?

De forma semelhante ao que coloca Beatriz Sarlo em relação à Argentina, a historiografia sobre a Unidade Popular é acompanhada por uma faceta testemunhal. Embora, em sua maioria, os livros aqui selecionados sobre o período, todos situados no campo das esquerdas, não optem pela narração em primeira pessoa ou pelo rótulo de testemunho, em muitos momentos as análises políticas e sociais são entrecortadas por argumentos vindos da presença dos autores no local e no tempo dos fatos, estratégia que reforça as respectivas teses defendidas. Pretende-se, assim, destacar como mesmo com a opção pela reflexão, a categoria de autor-protagonista marca o prevalectimento de determinado tipo de análise histórica.

Ciente da forte presença do testemunho nos escritos sobre o governo da UP, o historiador Julio Pinto Vallejos expõe, na apresentação de *Cuando hicimos historia: la experiencia de la Unidad Popular*<sup>13</sup>, a tentativa de fazer um livro “mais historiográfico que testemunhal”, embora admita que pelo fato de alguns de seus autores terem participado do processo estudado essa dimensão não esteja de todo ausente. Composto por oito artigos de autores e sobre temas distintos, muitos dos quais historiadores que eram jovens no início dos anos 1970, é perceptível na obra certo distanciamento e o apoio em fontes historiográficas de época. Publicado em 2005, quinze anos após o fim da ditadura chilena, seu título, porém, opta por utilizar a primeira pessoa do plural como agente histórico, sem deixar muito claro quem está incluído no “nosotros” sublimado da

<sup>12</sup> SARLO, Beatriz. *Tempo passado. Cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007. (Trad. Rosa Freire d’Aguilar). p. 117.

<sup>13</sup> VALLEJOS, Julio Pinto (coord.). *Cuando hicimos historia: la experiencia de la unidad popular*. Santiago: LOM, 2005.



Recordando a

## Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL  
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI  
Buenos Aires - Argentina

frase. Embora Pinto indique que se trata de uma referência à sensação de “protagonismo” vivida pelos sujeitos sociais durante os anos de Allende, há uma ênfase na experiência vivenciada.

O reconhecimento da tradição testemunhal e da dificuldade em superá-la, exposta por Pinto na apresentação, advém da grande quantidade de livros que procuraram, sobretudo, explicar a derrota ou denunciar as ações da direita que culminaram na derrubada de Allende. Alguns anos após o 11 de setembro chileno, vários de seus personagens, em sua maioria no exílio, escreveram longas análises políticas, econômicas e sociais sobre a UP. Nesse caso, havia um cenário contemporâneo semelhante ao que Benjamin vivenciava em suas teses sobre história: com o inimigo no poder, conquistado por meio da violência e do autoritarismo, a experiência e sua narrativa poderiam ter um caráter redentor. Além disso, vale lembrar que a “experiência chilena” recém-derrotada, sinônimo da combinação socialismo e democracia, rompeu fronteiras e se tornou um exemplo para as esquerdas de diversos países. Era importante, por tanto, não deixar que ela fosse esquecida.

Alberto Aggio, em *Democracia e socialismo: a experiência chilena*, destaca:

*Como não poderia deixar de ser, as avaliações sobre o período 1970-73, bem como a discussão em torno da via chilena ao socialismo, encontram-se fortemente marcadas pelo seu traumático desfecho, fazendo com que este passe a ocupar, como fator explicativo, um lugar central e decisivo em boa parte da literatura produzida sobre o período.<sup>14</sup>*

O autor identifica três vertentes principais, com subdivisões, na historiografia sobre a UP: a versão da direita (predominante em artigos da imprensa local), a visão do centro (concedida pela Democracia Cristiana) e a leitura da esquerda. Entre esse último grupo, cuja predominância da leitura se dá nos meios acadêmicos atuais, Aggio encontra autores que defendiam o governo deposto e outros que buscaram mapear os equívocos que permitiram a derrubada de Allende, fazendo uma espécie de autocrítica. Para o autor, o que determinava essas posições esquerdistas era, principalmente, o lugar que cada um dos analistas ocupava no governo deposto.

Nesse sentido, vale analisar algumas obras escritas por protagonistas da UP que se tornaram referências para o estudo do período. Publicada inicialmente em 1977,

---

<sup>14</sup> AGGIO, Alberto. *Democracia e socialismo: a experiência chilena*. São Paulo: Annablume, 2002. p. 28.



Recordando a

**Walter Benjamin**

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL  
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI  
Buenos Aires - Argentina

*Dialética de uma derrota*, de Carlos Altamirano, constitui ainda hoje uma das principais análises da experiência chilena. Seu autor, que foi secretário-geral do Partido Socialista do Chile quando este era um dos principais pilares da Unidade Popular, propõe uma análise dialética de dois projetos sócio-políticos durante o período de 1970-1973: a intenção de construir uma sociedade socialista e a montagem do fascismo no país. Apesar de sua intenção ser a de “(...) chamar a atenção para as características do regime de tirania que hoje oprime a nossa pátria”<sup>15</sup>, ele também analisa os programas do governo Allende, concluindo a existência de uma omissão das esquerdas derivada das divergências estratégicas para alcançar os objetivos desejados.

A análise de Altamirano, que engloba diversos aspectos da conjuntura da UP e segue citada em trabalhos acadêmicos, deriva de um lugar singular, que é a visão de uma autoridade do partido ao qual pertencia o então presidente, embora muitas vezes tivesse divergências com Allende. Nesse sentido, ela provém da experiência de um ator que foi fundamental no desenrolar dos acontecimentos analisados. Ciente do peso da experiência em sua obra, ele a ressalta já na introdução:

*(...) O autor não é escritor nem teórico, mas militante de um partido revolucionário; seu pensamento e posições resultam de uma vivência, em primeiro plano, de todo o processo chileno. Este livro é, virtualmente, um “caderno de anotações” no qual foram colocados – talvez até em desordem – reflexões e julgamentos intensamente vividos e profundamente meditados.*<sup>16</sup>

Ao decorrer da análise, o relato em terceira e em primeira pessoa (em geral do plural) se alternam. Da mesma forma, a remissão a dados objetivos e documentos de época – quase sempre atas e testemunhos governamentais e/ou partidários – aparecem intercalados a narrativas das “reais” intenções do Partido Socialista, proferidas em tom de testemunho. Nesse sentido, correm paralelos os objetivos de entender o processo em sua complexidade e de reparar uma situação, tendo em vista a amplitude que o livro poderia alcançar principalmente na comunidade internacional. Essa função redentora do relato fica clara no trecho seguinte:

<sup>15</sup> ALTAMIRANO, Carlos. *Dialética de uma derrota*. Chile 1970-1973. São Paulo: Brasiliense, 1979. (Trad. João S. Trevisan e Emanuel C. O. de Freitas). p. 10.

<sup>16</sup> ALTAMIRANO, Carlos. *Dialética de uma derrota*. Chile 1970-1973. São Paulo: Brasiliense, 1979. (Trad. João S. Trevisan e Emanuel C. O. de Freitas). p. 10.



Recordando a

**Walter Benjamin**

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL  
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI  
Buenos Aires - Argentina

*Só após a derrota fomos perceber como o Chile era considerado no mundo inteiro. A imensa solidariedade em torno da tragédia vivida pelo nosso povo está relacionada com o destaque que o Chile conquistou entre as nações. As experiências passadas adquirem ainda maior importância se confrontadas com o Chile atual: um país isolado e repudiado internacionalmente, cuja presença é mantida apenas pela grandiosidade do crime e do terror. Seu enorme desprestígio está brutalmente refletido no isolamento do tirano, que é recebido apenas no covil de alguns congêneres, chegando a incomodar até mesmo os fascistas espanhóis.<sup>17</sup>*

Com essas palavras, Altamirano deixa explícito que seu livro não é apenas um estudo analítico sobre o governo Allende, embora esse aspecto esteja presente, mas pretende mobilizar forças internacionais que possam pressionar à abertura política em seu país. Nesse sentido, a narrativa da experiência, que aparece mesclada à análise econômico-social, colabora com a sensibilização em torno dos acontecimentos narrados, visando formar laços de solidariedade entre exilados e esferas de poder internacional. O ato de relatar o que ocorreu, atestado pela presença do autor no cenário da época, pode assim se defrontar com uma situação irreparável quando consideradas somente as possibilidades internas do regime autoritário chileno. O fato da obra ter sido publicada originalmente na Espanha contribuiu para sua divulgação em esfera global, corroborando essa tese.

Do mesmo período, *Transição, socialismo e democracia: Chile com Allende*, publicado no México em 1979, concede autoridade à análise político-econômica pelo fato de seu autor ter sido um protagonista da Unidade Popular. Sergio Bitar foi Ministro da Mineração de Salvador Allende até ser preso, após o golpe de 1973, na Ilha de Dawson e em outros campos de concentração. Exilado a partir de 1974 nos Estados Unidos e, posteriormente, na Venezuela, Bitar se dedica a compor um minucioso relatório sobre os anos da UP, baseando-se principalmente em documentos de época e dados econômicos. A opção pela predominância da economia impressiona pela “veracidade” atestada pelos números, porém, mesmo com esse enfoque, o aspecto testemunhal interrompe por vezes o relato para reforçá-lo.

---

<sup>17</sup> ALTAMIRANO, Carlos. *Dialética de uma derrota*. Chile 1970-1973. São Paulo: Brasiliense, 1979. (Trad. João S. Trevisan e Emanuel C. O. de Freitas). p. 48-9.



Recordando a

**Walter Benjamin**

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL  
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI  
Buenos Aires - Argentina

Um exemplo da recorrência do autor ao seu lugar de protagonista nos episódios analisados ocorre no capítulo “Questionamento da política econômica: procura de opções”, no qual a crise de 1972 leva Bitar a citar um encontro entre o presidente, os chefes dos partidos da UP e técnicos do governo: a Reunião de El Arrayán. Após a descrição desse evento, ele se propõe a fazer uma “análise crítica”, sub-capítulo iniciado com o seguinte trecho: “A participação do autor naquela reunião e sua análise posterior permitem-lhe salientar as conclusões que se seguem.” Percebe-se, portanto, que tão forte quanto os dados econômicos e os documentos políticos, o testemunho aparece como fator legitimador.

Não se pode, porém, afirmar que esse aspecto testemunhal esteja escamoteado na obra de Bitar. O próprio autor, embora não a caracterize como um “testemunho”, ou uma biografia<sup>18</sup>, ressalta o caráter positivo de sua “vivência” para o resultado final. Como um fato que favorece o estudo da Unidade Popular, de suas contradições internas e de sua luta contra a oposição, a presença do narrador na cena é bastante valorizada, como é possível perceber no trecho a seguir:

*O envolvimento e a participação do autor no processo vivido no Chile, inclusive como Ministro no Gabinete do Presidente Allende, em determinada etapa, conferem a este trabalho um sentido particular. Em primeiro lugar, os fatos são interpretados dentro de uma perspectiva favorável às transformações, e as relações de causalidade, as concatenações e os progressos são percebidos em referência ao objetivo procurado.*

*Por outro lado, a vivência direta confere uma importância maior às ações e decisões específicas, à riqueza e complexidade do processo.<sup>19</sup>*

Bitar realiza, assim, uma espécie de confissão ao se colocar em um lugar que não é o da neutralidade, mas sim ao lado derrotado pelo golpe militar de 1973. Na realidade, esse posicionamento em um dos pólos aparece já no subtítulo do livro, que apóia o presidente morto no 11 de setembro: “Chile com Allende”. De forma

<sup>18</sup> Neste artigo foi feita a opção por não analisar livros que se caracterizam como biografias ou autobiografias de protagonistas da Unidade Popular. Essa escolha se justifica pelo objetivo principal de identificar de que forma o testemunho está presente em obras que se propõem acadêmicas, priorizando abordagens políticas, econômicas e sociais. Embora muitos livros biográficos também mesquem aspectos testemunhais a dados historicamente apurados, eles se colocam em outro gênero de textual. É o caso, por exemplo, de *Allende: vision de un militante*, de Jaime Suarez B., ministro de governo assim como Bitar. Nesse caso, por exemplo, o foco é a trajetória política de Salvador Allende, retomada por meio de depoimentos, enquanto que os embates políticos em torno da UP são deixados em segundo plano.

<sup>19</sup> BITAR, Sergio. *Transição, socialismo e democracia: Chile com Allende*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. p. 27. (Trad. Rita Braga).



Recordando a

**Walter Benjamin**

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL  
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI  
Buenos Aires - Argentina

semelhante à obra de Altamirano, *Transição, socialismo e democracia* se insere no contexto de denúncia e mobilização internacional em torno do governo autoritário instaurado com o golpe militar. E, nesse sentido, o testemunho amplia a legitimidade do relato.

A importância da experiência vivida pelo autor na aceitação da obra pelos meios acadêmicos da época é destacada na introdução à edição brasileira, publicada em 1980, de autoria de Celso Furtado. Ressaltando que se trata do “mais importante livro escrito” até então sobre a via chilena ao socialismo, o economista brasileiro justifica essa afirmativa caracterizando Bitar como um membro da Unidade Popular e como uma vítima da ditadura de Pinochet:

*Seu testemunho pessoal já seria suficiente para emprestar um elevado valor ao livro. Mas existe bem mais do que isso: desde os primeiros momentos de sua prisão na ilha austral de Dawson ele se debruçou com verdadeira paixão sobre o processo histórico que vinha de ser brutalmente interrompido, consciente de que sua significação transcendia as circunstâncias da história de seu país.<sup>20</sup>*

Nessa introdução fica clara a importância dos fatos relatados não só para a biografia de Bitar – ou para a de seus conterrâneos –, mas para todos aqueles que acreditam na possibilidade de uma sociedade simultaneamente socialista e democrática. Transcendendo “as circunstâncias da história” nacional, o estudo da Unidade Popular por meio de seus integrantes atinge, segundo Furtado, uma esfera global e atemporal, mantendo vivas as utopias derrotadas.

As análises de Altamirano e Bitar, como foi salientado, se inserem em um contexto pós-golpe militar, no qual lembrar Allende era também se contrapor ao novo governo e suas justificativas para a instauração das perseguições, das torturas e dos assassinatos. Os dois livros citados neste artigo, datados da mesma década tanto dos anos UP como do início da era Pinochet, articulavam um estudo de cunho acadêmico ao tom de denúncia. E, nesse sentido, o relato deveria “dar voz” aos perseguidos, aos derrotados. As obras desse período evocavam a história recente para mantê-la viva, para reparar, pelo menos no plano teórico, os danos sofridos por aqueles que não mais

---

<sup>20</sup> FURTADO, Celso. “Introdução”. In: BITAR, Sergio. *Transição, socialismo e democracia: Chile com Allende*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. p. 5.



Recordando a

**Walter Benjamin**

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL  
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI  
Buenos Aires - Argentina

poderiam falar. Entre eles, o próprio protagonista principal, o presidente Salvador Allende.

Porém, após o fim da ditadura no Chile, em 1990, em que medida esses ensaios acadêmicos com inclinações testemunhais continuam a existir? Que papel desempenham na atual conjuntura política? Que importância, afinal, pode haver em lembrar os anos da Unidade Popular? Retomando o artigo “O presente como história”, de Eric Hobsbawm, vale questionar as modificações que a passagem do tempo impõem ao estudo da história. Em tempos de utopias tidas como enterradas, como analisar períodos onde revolução era uma das palavras de ordem? E será que se dedicar a essa tarefa é lamentar as ruínas, enquanto se voa impreterivelmente para o futuro?

Um livro que se tornou referência recente para o estudo da Unidade Popular é *El gobierno de Salvador Allende*, de Luis Corvalán, cuja primeira edição data de 2003. A análise de alguns pontos dessa obra indica possíveis respostas para as questões presentes no parágrafo anterior. Ao contrário das considerações de Altamirano e Bitar, ela foi escrita com certo distanciamento dos fatos ocorridos no 11 de setembro de 1973, mais precisamente trinta anos depois. Além disso, em tempos de democracia, foi lançada pelo selo editorial LOM, responsável, desde sua criação nos anos 1990, por grande parte das publicações acadêmicas chilenas na área de ciências humanas. Vale lembrar também que, diferentemente dos outros títulos aqui abordados, esse pôde ser elaborado e divulgado no Chile, com liberdade para adentrar nas universidades, movimentos sociais, partidos políticos e outras esferas da sociedade civil. Em comum com *Dialética de uma derrota* e *Transição, socialismo e democracia* existe o protagonismo de seu autor durante o período tratado: Corvalán era, nessa época, secretário-geral do Partido Comunista, outro pilar fundamental da UP ao lado do PS. Com o golpe militar, assim como Bitar, foi levado à prisão na Ilha de Dawson, de onde partiu para o exílio em 1976.

Nesse sentido, apesar do caráter de autor-protagonista aproximar *El gobierno de Salvador Allende* das obras de Altamirano e Bitar, ela foi escrita após o fim da ditadura, o que faz com que sua análise interaja com outra realidade histórico-política. Sua intenção e recepção são igualmente diversas, a começar pelo fato de dialogar menos com a comunidade internacional e mais com sujeitos sociais de seu país, em tempos dominados pela dualidade *Concertación* versus *Renovación Nacional*. Embora não seja



Recordando a

## Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL  
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI  
Buenos Aires - Argentina

o objetivo aqui discorrer sobre o processo eleitoral chileno atual, cabe enfatizar que os outros arranjos possibilitados pela abertura ainda estão em disputa. Esses aspectos e o distanciamento temporal introduzem novos questionamentos em torno da memória sobre os anos da UP.<sup>21</sup>

Em suas “palabras preliminares”, o autor justifica a existência da obra: “La lucha por la verdad y la justicia conlleva la preocupación y el empeño permanentes contra el olvido y la impunidad de los crímenes, el deber de preservar la memoria histórica”<sup>22</sup>. De forma semelhante à perspectiva benjaminiana, que se afirma na denúncia da violência do vencedor para que ela não se torne uma virtude, o autor mostra nesse trecho a intenção de não deixar que a impunidade triunfe. Assim, a memória e sua implicação para a história seria um instrumento para se buscar a verdade e a justiça, no caso, uma “prova” no processo de condenação dos culpados. E, nesse contexto, a presença do testemunho (ou da narrativa) é fundamental para se lembrar o que “de fato” ocorreu. Essa frase citada de Corvalán vai de encontro à “guinada subjetiva” que Beatriz Sarlo constatou nos períodos de abertura das ditaduras latino-americanas:

*O testemunho possibilitou a condenação do terrorismo de Estado; a ideia do “nunca mais” se sustenta no fato de que sabemos a que nos referimos quando desejamos que isso não se repita. Como instrumento jurídico e como modo de reconstrução do passado, ali onde outras fontes foram destruídas pelos responsáveis, os atos de memória foram uma peça central da transição democrática, apoiados às vezes pelo Estado e, de forma permanente, pelas organizações da sociedade.*<sup>23</sup>

A inserção da memória como um meio de se atingir a justiça fica ainda mais evidente quando se retoma o processo de julgamento de Augusto Pinochet, ocorrido justamente no início do século XXI, quando o livro é escrito. O ex-ditador chileno, preso em 1998 em Londres por seus crimes cometidos contra a humanidade, acabou

<sup>21</sup> Outra consideração importante é que a comparação entre o livro de Corvalán e o de Altamirano pode indicar divergências e convergências internas da esquerda nas discussões sobre como se chegar ao socialismo “de fato” após a vitória de Allende e a quem atribuir responsabilidade pela derrota. No entanto, essa discussão demandaria o diálogo com outros atores e fontes que desviariam o objetivo deste artigo, que é o de apontar o estatuto da memória em obras icônicas sobre o governo da Unidade Popular. Vale destacar, porém, que Corvalán coloca o Partido Comunista, do qual esteve à frente, como a principal força política da UP, cujo mérito principal foi “vislumbrar a possibilidade de conquistar o governo pela via não armada”.

<sup>22</sup> CORVALÁN, Luis. *El gobierno Salvador Allende*. Santiago: LOM, 2003. p. 9.

<sup>23</sup> SARLO, Beatriz. *Tempo passado. Cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007. (Trad. Rosa Freire d’Aguir). p. 20.



Recordando a

## Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL  
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI  
Buenos Aires - Argentina

libertado em menos de dois anos por razões de saúde e poupado por Margareth Thatcher de ser extraditado e julgado na Espanha. A polêmica prosseguiu após a extradição para o Chile, em março de 2000, onde alegou insanidade mental para se ver livre das acusações que pesavam contra ele. A luta pela condenação de Pinochet acabou com sua morte em 2006, que impossibilitou o julgamento pelos crimes de terrorismo de Estado. Corvalán opta por relembrar o governo de Salvador Allende justamente no decorrer desses episódios.

Assim como Altamirano e Bitar, Corvalán recorre a documentos de época, hegemonicamente produzidos pela esquerda, muitos dos quais colocados como apêndices da obra para compor a análise político-econômica dos anos da UP. Eles colaboram principalmente para reforçar as conquistas do governo Allende expostas no livro. Apesar da autocrítica da esquerda aparecer pontuada em alguns momentos, a exaltação prevalece, bem como a tese de que o Chile passou por dois momentos unidos por uma relação de causalidade: uma revolução (ainda que interrompida durante sua consolidação) e uma contrarrevolução. Nesse sentido, seus argumentos não diferem muito dos já citados em *Dialética de uma derrota* e *Transição, socialismo e democracia*.

A passagem do tempo também não retirou a ênfase nos aspectos democráticos atribuídos ao governo da Unidade Popular. O fortalecimento do poder popular e da democracia, já presente nos discursos de época, continua ressaltado no texto de Corvalán. Se nas obras de Altamirano e Bitar isso se justificava pela contraposição com o regime ditatorial vigente no final dos anos 1970, no início dos anos 2000 sua retomada pode ser entendida no último sub-capítulo do livro: “La lucha continúa por um Chile verdaderamente democrático”. Ao destacar que ao menos dois terços dos 15 milhões de chilenos não haviam nascido na época em que se deu os fatos, o autor parece encarnar a figura do narrador de Walter Benjamin: ao relatar sua experiência, mantém viva a dimensão utópica de transição para uma sociedade mais justa e igualitária. Se o processo iniciado por Allende foi interrompido pelo golpe fascista, suas aspirações não morreram durante o ataque ao palácio de La Moneda, e continuam pertinentes mesmo após o triunfo do “grande capital monopolista” (talvez ainda mais do que eram em 1970):



Recordando a

**Walter Benjamin**

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL  
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI  
Buenos Aires - Argentina

*Pero existe gente pobre – pobre en bienes materiales y rica en sentimientos nobles -, los chilenos y chilenas que sueñan como Allende soñara, con un Chile verdaderamente democrático y un mundo diferente. Y aunque la desesperanza inmoviliza a muchos otros, no faltan quienes se mantienen leales al legado de Allende y asumen el deber de continuar la lucha. Hay también, chilenos y chilenas que sin haber vivido o habiendo vivido poco en aquel tiempo, se guían por principios, ideales y objetivos nobles y valiosos, defienden la naturaleza, repudian el consumismo, son críticos del sistema en su conjunto y en particular de la manipulación de los medios de comunicación, de la mediocridad y chabacanería que exhiben los programas de la televisión, de las coimas y de los sueldos y sobresueldos millonarios.<sup>24</sup>*

A ideia de “legado” do estudo histórico aparece fortemente nesse trecho. A história traz, dessa forma, nobres princípios do passado “esquecidos” frente à ação de atores que lucram com seu escamoteamento. É preciso lembrar para continuar a luta; no caso dos mais jovens, é preciso conhecer os que vieram antes. Nesse sentido, é sintomático que o livro evoque em seu título a figura de Salvador Allende, em maior destaque do que a própria Unidade Popular e seus partidos. Na capa da primeira edição são mostrados outros elementos que direcionam a leitura para a “herança” das gerações anteriores, precisamente os óculos do ex-presidente socialista e cartazes dos anos 1970 mostrando crianças sobre os dizeres de “la felicidad de Chile comienza por los chicos”.

É possível perceber, assim, um caráter messiânico no estudo da história nessa obra de Corvalán, que une as gerações passadas e futuras. Por meio do entendimento do passado, possibilitado em sua magnitude pela passagem do tempo, renasce a vontade de mudar a sociedade atual. Ao se auto-indagar sobre qual o sentido de retomar a “experiência chilena”, as “utopias” da UP, trinta anos após o “derrocamento do governo do presidente Allende”, o ex-secretário do Partido Comunista responde ressaltando o objetivo das páginas de seu livro:

*En ellas invoco la obra realizada, la audaz tentativa de producir cambios de raíz en busca de una vida mejor para todos y en primer lugar para los más desposeídos y necesitados. Destaco el protagonismo del pueblo, la posición asumida por los diferentes actores, las dificultades que surgieron en el*

<sup>24</sup> CORVALÁN, Luis. *El gobierno Salvador Allende*. Santiago: LOM, 2003. p. 270.



Recordando a

## Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL  
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI  
Buenos Aires - Argentina

*camino, las insuficiencias y fallas del gobierno y de los partidos que lo apoyaban. Y me permito expresar algunos juicios críticos y auto críticos, bajo mi propia responsabilidad, productos de las reflexiones que me merecen los acontecimientos mirados a la distancia que nos separa de aquel tiempo.*<sup>25</sup>

A distância dos fatos relatados, porém, se parece grande para uma vida, é muito pouca se pensarmos no estudo da história. Nesse sentido, as reflexões de Corvalán, Bitar ou Altamirano, atreladas inevitavelmente ao testemunho, tratam de um tempo ainda presente. Esse aspecto coloca em evidência a experiência e a memória como esferas indispensáveis ao trabalho desses autores, mas também atribuí a elas interpretações diversas. Além dos conflitos individuais do que se quer lembrar e esquecer, existem os embates com sujeitos e grupos políticos, que igualmente se esforçam para rememorar alguns acontecimentos e enterrar outros em definitivo. Partindo dessas constatações, Beatriz Sarlo reforça a emoção e os interesses em jogo em obras dessa natureza:

*Diante dessa tendência discursiva seria preciso ter em conta, em primeiro lugar, que o passado recordado está perto demais e, por isso, ainda desempenha funções políticas fortes no presente (vejam-se as polêmicas sobre os projetos de um museu da memória). Além disso, os que lembram não estão afastados da luta política contemporânea; pelo contrário, têm fortes e legítimas razões para participar dela e investir no presente suas opiniões sobre o que aconteceu não faz muito tempo.*<sup>26</sup>

Compreendendo o sentido moral dessa luta política, a autora declara apenas que é preciso reconhecer as implicações desses testemunhos para o estudo da história. É necessário questionar a confiabilidade dos relatos em primeira pessoa e não perder de vista que a memória implica também em esquecer; portanto, não pode ser considerada um discurso fechado, próximo do que seria uma “verdade”. Citando Susan Sontag, Sarlo defende que embora seja necessário lembrar para entender, não se pode perder de vista que o entendimento deve prevalecer ao rememoração. Assim, é necessário reconhecer a importância da experiência tanto quanto considerá-la à luz de outros documentos que possam elucidar o trabalho do historiador, quando possível. Mesmo na

<sup>25</sup> CORVALÁN, Luis. *El gobierno Salvador Allende*. Santiago: LOM, 2003. p. 7.

<sup>26</sup> SARLO, Beatriz. *Tempo passado. Cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007. (Trad. Rosa Freire d’Aguar). p. 60-1.



Recordando a

## Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL  
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI  
Buenos Aires - Argentina

ausência de outras fontes, deve-se questionar as análises testemunhais, identificando o lugar de seu autor nos debates políticos do período em que ele foi protagonista e do período em que escreve sua narrativa.

Apesar de muitas das opiniões de Sarlo contradizerem a função messiânica da narrativa histórica para Walter Benjamin, ambos concordam que elas trazem implicações políticas ao presente. Para o alemão, os que dominam são herdeiros dos que venceram antes, assim como a cultura não é isenta da barbárie. Portanto, há sempre um conflito político entre aqueles que se dedicam à história, pois “a história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de ‘agoras’.”<sup>27</sup> Da mesma forma, a autora argentina defende que, no caso da “guinada subjetiva” ocorrida em tempos de abertura política na América Latina, as batalhas do passado continuam em disputa, já que seus protagonistas prosseguem na condição de sujeitos atuantes na sociedade.

No caso dos estudos sobre a Unidade Popular, período marcado por forte sentimento de ineditismo de uma experiência histórica e pela sensação de que a sociedade passava por mudanças radicais, as disputas políticas da época e as contemporâneas aos relatos produzidos elucidam que a necessidade de “hacer historia” ainda está presente. Isso ocorre, como lembrou Corvalán, em relação às transformações sociais desejadas por Allende e interrompidas pelo golpe, que mantêm vivas as utopias de se viver em um mundo melhor. Porém, é preciso também criar novas abordagens sobre esses acontecimentos, até mesmo para que eles prossigam politicamente relevantes na atualidade. Talvez, quem sabe, essa seja uma tarefa de esforço de imaginação e disposição para os novos historiadores...

---

<sup>27</sup> BENJAMIN, Walter. “O narrador”. In: BENJAMIN, Walter. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Trad. Sergio Paulo Rouanet). p. 229.



Recordando a

**Walter Benjamin**

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL  
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI  
Buenos Aires - Argentina

## **BIBLIOGRAFIA:**

AGGIO, Alberto. *Democracia e socialismo: a experiência chilena*. São Paulo: Annablume, 2002.

ALTAMIRANO, Carlos. *Dialética de uma derrota. Chile 1970-1973*. São Paulo: Brasiliense, 1979. (Trad. João S. Trevisan e Emanuel C. O. de Freitas).

BENJAMIN, Walter. “Sobre o conceito de história”. In: BENJAMIN, Walter. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Trad. Sergio Paulo Rouanet).

BITAR, Sergio. *Transição, socialismo e democracia: Chile com Allende*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. (Trad. Rita Braga).

CORVALÁN, Luis. *El gobierno Salvador Allende*. Santiago: LOM, 2003.

HOBSBAWM, Eric. “O presente como história”. In: HOBSBAWM, Eric. Sobre história. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. (Trad. Cid Knipel Moreira).

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2003. (Trad. Bernardo Leitão).

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. “A história, cativa da memória?” *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, 34: 9-24, 1992.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado. Cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007. (Trad. Rosa Freire d’Aguiar).

VALLEJOS, Julio Pinto (coord.). *Cuando hicimos historia: la experiencia de la unidad popular*. Santiago: LOM, 2005.